

Percepção de pessoas em condições crônicas e a influência no processo de cicatrização de lesões

Vanessa de Faveri Ferreira

Acadêmica de Enfermagem

Instituição: Instituto Federal do Paraná

E-mail: Vanessadefaveri0502@gmail.com

Oswaldo Luiz Schreiner da Cruz

Mestrando em Desenvolvimento Regional

Instituição: Instituto Federal do Paraná (UTFPR)

E-mail: osvaldo.cruz@ifpr.edu.br

Daniella Karine Souza Lima

Doutorado em Enfermagem

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

E-mail: daniella.lima@ifpr.edu.br

Antionielle Moreira Dutra da Costa

Pós-graduação em Urgência e Emergência

Instituição: Faculdade UNIMINAS

E-mail: antionielle_mdc@hotmail.com

Gabriela Rita de Barros

Pós-graduação em Urgência, Emergência e UTI

Instituição: Centro Universitário Internacional (UNINTER)

E-mail: gabrielarita1.gr@gmail.com

Gabrieli Pitchinin

Pós-graduação em Auditoria em Saúde

Instituição: Centro Universitário Internacional (UNINTER)

E-mail: gabrieli_p@hotmail.com

Vanderson Rodrigo Zanini

Licenciatura Plena em História, em Sociologia

Instituição: Universidade Paranaense, UniDombosco

E-mail: vanderson.zanini@sistefafiep.org.br

Marilei Tarciane da Rosa

Mestrado em Saúde, Bem-estar e Produção Animal Sustentável

Instituição: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

E-mail: tarcirosa@hotmail.com

RESUMO

O estudo teve como objetivo analisar as percepções de pessoas com doenças crônicas sobre a cicatrização de lesões de difícil cicatrização. Observou-se que a maioria reconhece a influência da condição crônica, mas só recebe orientações após encaminhamento especializado. Práticas populares são comuns, bem como dificuldades com dieta, medicação e autocuidado. Conclui-se que o cuidado deve ser integral, com foco em



educação em saúde e fortalecimento da atenção básica.

Palavras-chave: Cicatrização de Lesão. Enfermagem. Doença Crônica.

1 INTRODUÇÃO

As doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) referem-se a um alto índice de mortalidade prematura e incapacidade de pessoas portadoras. Além disso, pode ocasionar agravos e mudança de vida, sendo um deles as feridas crônicas (SILVA, *et al.*, 2022).

Essa condição de saúde é responsável por um alto índice de mortalidade dentre essas as principais causas de óbitos estão as doenças cardiovasculares, respiratórias crônicas, neoplasias e diabetes mellitus. Fatores de risco que favorece o desenvolvimento são genéticos, obesidade, tabagismo, sexo, idade, sedentarismo consumo excessivo de álcool, alimentação inadequada (PASQUETTI, *et al.*, 2021).

As feridas crônicas são caracterizadas como lesões na estrutura anatômica e fisiológica da pele, sendo elas de difícil cicatrização as quais o processo de cicatrização ultrapassa o tempo de seis semanas. Essa condição de saúde afeta diretamente a qualidade de vida do usuário tanto no aspecto físico quanto emocional. As feridas crônicas podem proporcionar ainda dor, déficit de autocuidado, alteração no sono, ansiedade, alteração na imagem corporal (ALMEIDA, *et al.*, 2024).

Para uma boa cicatrização não é eficiente apenas o tratamento no local da lesão é necessário um conjunto de fatores para um bom resultado, dessa maneira deve-se ter um apoio psicológico, realizar tratamento medicamentoso quando prescrito, efetuar troca de curativo seguindo recomendação do profissional (FERREIRA, *et al.*, 2020).

Embora as doenças crônicas sejam amplamente reconhecidas como um problema de saúde pública, pouco se sabe sobre a percepção dos pacientes em relação à cicatrização das feridas associadas a essas condições, o que pode afetar diretamente a adesão ao tratamento e os resultados de saúde.

Diante do exposto torna-se relevante realizar uma pesquisa com os portadores de lesões e doenças crônicas, a fim de compreender as percepções dos pacientes sobre como suas doenças afetam na cicatrização de lesões.

Assim, o estudo tem como objetivo geral analisar as percepções das pessoas em condições crônicas e a influência no processo de cicatrização de lesões de difícil cicatrização, e objetivo específico investigar na literatura científica quais fatores os pacientes consideram importantes para a cicatrização de feridas em suas condições, Compreender como os pacientes relacionam suas doenças crônicas com o processo de cicatrização.



2 METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma pesquisa científica que é adquirida através do processo metodológico que tem como objetivo, na maioria das vezes, esclarecer e debater um fato baseado na verificação de uma ou mais hipóteses. Sendo assim, está de modo direto relacionado a questões específicas na qual trata de explicá-las e relacioná-las com outros acontecimentos (PRAÇA, 2015)

A pesquisa qualitativa representa uma abordagem de investigação que considera a conexão do sujeito com o mundo e suas relações, é uma metodologia que se concentra em compreender fenômenos sociais, culturais e individuais. Já a pesquisa de abordagem quantitativa tem o propósito no controle dos dados, utilizando-se de instrumentos e técnicas objetivas para discutir as informações coletadas por meio de uma análise subsidiada por instrumentos matemáticos, buscando generalizações (MINEIRO, et al.,2022)

O estudo misto, como o nome sugere, integra elementos tanto da abordagem qualitativa quanto quantitativa. Ela busca contribuir para a pesquisa sobre as vantagens de ambas as abordagens, visando fornecer uma visão mais ampla do fenômeno estudado (FARIAS, et al.,2018)

Essa pesquisa então se trata de um estudo misto de abordagem quantitativa e qualitativa, com objetivo exploratório. Desenvolvido em um ambulatório de feridas na cidade de Palmas Paraná, no período 07/04/2025 até dia 30/05/2025. A pesquisa foi realizada em duas etapas, para abordagem qualitativa foi realizada uma Revisão Narrativa de literatura e para abordagem quantitativa a aplicação de um questionário.

A revisão de literatura foi o primeiro passo a ser feito no final do mês de novembro de 2025. Utilizando os descritores Cicatrização de lesão, enfermagem, doença crônica. Em bases de dados Lilacs, Scielo e BVS, totalizando 43.965 artigos, porém desses foram analisados apenas dos 5 últimos anos, excluindo 43.392 artigos, ficando 570 estudos. Sendo finalizada a revisão com 6 artigos, entretanto para obter esses dados foram utilizados métodos de exclusão como artigos duplicados, análise de título e resumo.

A entrevista foi realizada através das consultas com os pacientes do ambulatório de feridas municipal, dessa maneira os pacientes que estavam com agendamento foram até o local sendo questionados se eles aceitavam participar da pesquisa, explicando o objetivo e como irá acontecer. O tempo previsto foi de 20 minutos levando em consideração a dispersão do assunto por serem um público mais carente em atenção.

Foi contabilizado um total de 9 participantes que atenderam aos critérios de inclusão: serem pacientes portadores de doenças crônicas, com idade acima de 45 anos, e que frequentavam o ambulatório com regularidade. As falas desses 9 pacientes foram identificadas e organizadas como "P", seguidas do número correspondente à ordem em que foram entrevistados.

Foi realizada a revisão de literatura em seis etapas contando com a elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados, apresentação da revisão integrativa (SOUZA, et al.,2010)



Dessa maneira, será aplicado aos usuários do ambulatório um questionário impresso, acompanhado do termo de consentimento, pelos profissionais que atuam durante os atendimentos. Assim, os pacientes não precisarão se deslocar exclusivamente para responder ao instrumento. Para garantir uma abrangência de todos os usuários, a aplicação será realizada diariamente.

Foi aplicado um questionário contendo 8 perguntas, sendo 5 de múltipla escolha e 7 com campos para respostas abertas. As questões abordaram categorias como: conhecimento sobre a doença crônica, percepção sobre a atuação dos profissionais de saúde e dados demográficos. Esta última categoria incluiu 4 questões específicas.

Utilizado como inclusão participantes que faziam acompanhamento com o ambulatório regularmente, possuam ferida crônica que não cicatrizou a mais de 6 meses, tenham doença crônica não transmissível (DCNT), idade de 45 anos a mais, possuem capacidade de responder o questionário de maneira autônoma.

Sendo considerado como método de exclusão para pesquisa pacientes que tiveram alta ou estão em processo de alta, pessoas com menos de 45 anos, não possui doença crônica, participantes que necessitam de outros para responder por si.

A Entrevista contou com um termo de compromisso (TCLE) o qual o usuário que aceitou teve que assinar, sendo assim guardado por 5 anos em caso de desistência ou dúvida da pesquisa. A parte de questionário foi realizada manualmente transcrevendo as respostas dos pacientes em folhas separadas.

Essa pesquisa tem como objetivo compreender as percepções dos pacientes evidenciando como as doenças crônicas afetam a cicatrização de lesões, além de buscar uma visão do quanto esses usuários tem informação da própria doença porque é de suma importância eles estarem acompanhando o tratamento e sabendo o quando uma doença pode agravar e gerar novos problemas a sua saúde.

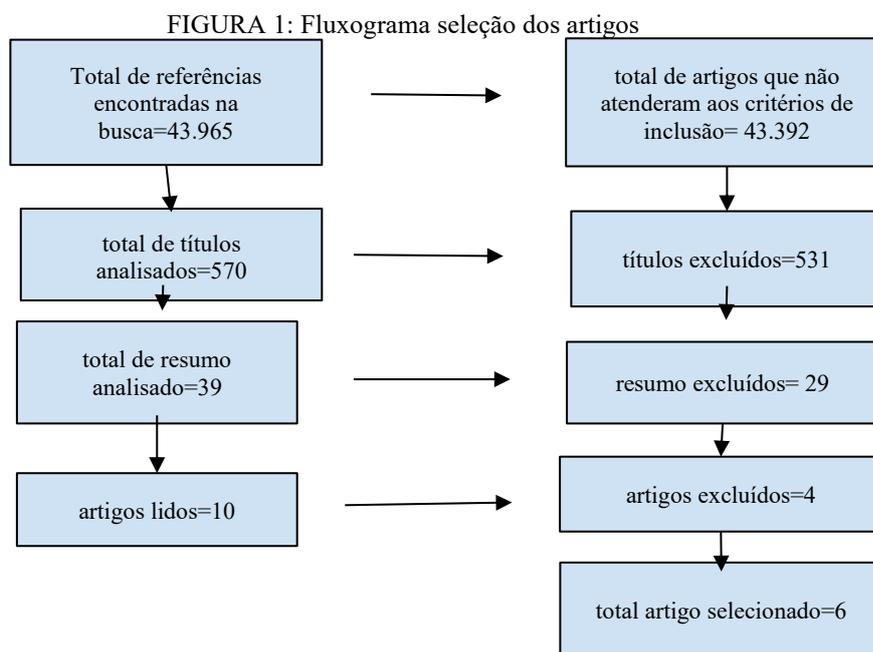
O ambulatório de ferida está em atuação desde 2021 que tem como objetivo auxiliar portadores com suas feridas crônicas e um ambiente para realizar estudos científico, o estudo faz parte do projeto de pesquisa do ambulatório do qual se origina o parecer do comitê de ética (Parecer nº3.730.642).

3 RESULTADOS

Após a fase de buscas nas bases de dados, foram identificados inicialmente 43.965 registros. Aplicando-se o critério de inclusão referente ao recorte temporal dos últimos cinco anos, 43.392 documentos foram excluídos, restando 570 artigos para análise. Destes, 531 foram descartados com base na leitura dos títulos.

Além disso, foram identificados 5 documentos duplicados entre as bases BVS e LILACS, os quais também foram eliminados. Assim, 39 artigos seguiram para a leitura dos resumos. Após essa etapa, 10 artigos atenderam aos critérios de seleção. Por fim, após a leitura completa e aplicação da pergunta

norteadora, 6 artigos foram incluídos na amostra final.



Fonte: Fluxograma elaborado pelo autora, 2025.

A Tabela 1 apresenta a distribuição etária dos participantes da pesquisa, totalizando nove indivíduos com idade entre 54 e 74 anos. Observa-se uma maior concentração na faixa etária de 66 anos, representando 33,3% da amostra. Essa predominância de adultos e idosos é relevante, considerando que a presença de doenças crônicas e dificuldades no processo de cicatrização de feridas tende a ser mais comum em faixas etárias mais avançadas.

Tabela 1- Idades Do Participante Da Pesquisa. Fonte de Pesquisa, Palmas- PR. 2025.

Idade(anos)	Frequência absoluta	frequência relativa
54	1	11,1%
60	2	22,2%
66	3	33,3%
72	1	11,1%
74	2	22,2%
TOTAL	9	100%

Fonte: Elaborado pelo autora (2025)

A Tabela 2 demonstra a distribuição dos participantes da pesquisa segundo o gênero. Nota-se predominância do sexo masculino, com 66,7% dos entrevistados, enquanto o sexo feminino representou 33,3% da amostra. Essa distribuição pode refletir características populacionais da região ou mesmo o perfil



dos pacientes com doenças crônicas atendidos no serviço de saúde local, sendo um dado relevante para contextualizar as percepções sobre o processo de cicatrização.

Tabela 2 - Distribuição De Frequência Por Gênero. Fonte de Pesquisa, Palmas- PR. 2025.

Gênero	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Masculino	6	66,7%
Feminino	3	33,3%
Total	9	100%

Fonte: Elaborado pelo autora (2025)

A Tabela 3 apresenta a distribuição das doenças crônicas referidas pelos participantes. Os diagnósticos mais frequentes foram hipertensão e diabetes, ambos com 33,3% das respostas. No entanto, destaca-se que 26,7% dos participantes optaram por não responder a essa pergunta. Esse dado pode indicar resistência, desconhecimento ou até mesmo falta de diagnóstico formal, aspectos que podem impactar diretamente no autocuidado e na adesão às orientações relacionadas ao processo de cicatrização.

Tabela 3 - Tipo De Doenças Crônicas. Fonte de Pesquisa, Palmas- PR. 2025.

Doença Crônica	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Hipertensão	5	33,3%
Diabetes	5	33,3%
Não Responderam	4	26,7%
Total	14	100%

Fonte: Elaborado pelo autora(2025)

A Tabela 4 apresenta o tempo de diagnóstico das doenças crônicas referidos pelos participantes. Observa-se que a maioria (44,4%) não soube informar o tempo exato desde o diagnóstico, o que pode indicar falhas na comunicação entre paciente e serviço de saúde, ou até mesmo baixa compreensão sobre sua condição. Os demais participantes relataram tempos variados, entre 3 e 40 anos, evidenciando perfis diversos em relação à convivência com a doença crônica e possíveis impactos no processo de cicatrização.

Tabela 4. Tempo De Diagnóstico Da Doença Crônica Referido Pelos Pacientes. Fonte de Pesquisa, Palmas- PR. 2025.

Tempo de Diagnóstico	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
3 Anos	2	22,2%
4 Anos	2	22,2%
40 Anos	1	11,1%
Não Soube Responder	4	44,5%
Total	9	100%

Fonte: Elaborado pelo autora (2025)

A Tabela 5 apresenta as respostas dos participantes sobre a informação recebida a respeito do impacto da doença crônica no processo de cicatrização de lesões. A maioria (88,9%) afirmou ter recebido orientações nesse sentido, o que sugere um esforço por parte dos profissionais de saúde em promover educação em saúde. No entanto, ainda que em menor número, a ausência de informação para um dos participantes (11,1%) evidencia a necessidade de ampliar o acesso ao conhecimento e fortalecer práticas educativas de forma mais equitativa.

Tabela 5 - Informações recebidas pelos pacientes sobre o impacto da doença crônica na cicatrização de lesões. Fonte de Pesquisa, Palmas- PR. 2025.

Resposta	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Sim	8	88,9%
Não	1	11,1%
Total	9	100%

Fonte: Elaborado pelo autora (2025)

Para a análise dos dados qualitativos referente a equipe de saúde (médicos, enfermeiros) oferecer suporte suficiente para entender como a sua condição afeta a cicatrização de feridas. Os resultados demonstraram que sete participantes (77,8%) afirmaram receber suporte da equipe de saúde para compreender de que forma sua condição crônica afeta a cicatrização de feridas. Os demais dois participantes (22,2%) relataram não receber esse tipo de suporte.

As falas destacaram-se:

“Falta mais acompanhamento por parte da equipe da UBS e da equipe vascular. Há demora nas consultas e na realização de exames (P4).

“Nem todos os locais fornecem as informações corretas. No posto do meu bairro, sempre foi muito difícil. Nem sabiam como fazer o curativo. Apenas no ambulatório tive melhor evolução.”(P9).

Quando questionados sobre a sua percepção da diferença na cicatrização das feridas em comparação a pessoas sem a mesma condição crônica, sete (77,8%) relataram perceber diferença na cicatrização das feridas em comparação a pessoas sem a mesma condição crônica. Os dois participantes restantes (22,2%) afirmaram não perceber essa diferença.

Ainda sobre a questão sobre o que a doença crônica afeta a cicatrização apenas dois participante complementaram os usuários p3 e p7, que relataram que a doença crônica influencia no tempo de cicatrização da lesão. Esse baixo número de respostas pode estar relacionado à falta de informações recebidas sobre a doença e seu impacto no processo de cicatrização, ou mesmo à existência de dúvidas que os pacientes possuíam, mas não tiveram oportunidade ou não se sentiram à vontade para esclarecer



(MARQUES,et al.,2018)

Sobre a investigação da percepção dos participantes sobre os fatores relacionados à sua condição crônica que podem influenciar na cicatrização de feridas, revelou um entendimento parcial, porém significativo, por parte dos entrevistados. A maioria mencionou o impacto da diabetes na circulação sanguínea e no funcionamento geral do organismo, reconhecendo que o controle inadequado da glicemia pode comprometer a cicatrização, apenas P1 não respondeu.

“falta de circulação, não saber dizer a influência das doenças crônicas Mas acredito que há relação” (P4)

“se não controla a diabetes a ferida não cicatriza” (P7)

Sobre a investigação do conhecimento dos participantes sobre práticas que poderiam auxiliar na cicatrização de feridas considerando sua condição crônica, revelaram um predomínio de saberes populares e empíricos, porém algumas atividades já recomendadas.

“Usar babosa, fazer chá com pepino para controle da diabetes, você o pepino no liquidificador e tomar o chá depois” (P9)

“ Uso de açúcar, banha a nove águas e babosa” (P1)

“Cuidar com a limpeza, deixa perna elevada” (P6)

“Exercício físico, ingestão de água, cuidar os alimentos” (P4)

Sobre a percepção dos participantes referente a influência do controle adequado da doença crônica na cicatrização de lesões, evidenciaram uma compreensão clara da importância da adesão ao tratamento. Dos entrevistados 50 % reconheceu que o uso correto da medicação e o acompanhamento médico contribuem diretamente para uma cicatrização mais eficaz.

“Quando toma remédio a cicatriz fecha mais rápido” (P2)

“Controle da dor, cicatriza mais rápido” (P4)

Quanto aos desafios enfrentados pelos participantes no cuidado com feridas em função de suas condições crônicas, revelaram diversas dificuldades de ordem física, emocional e social. Um entrevistado não respondeu à pergunta.

“tenho dificuldade em controlar a medicação, e gosto muito de comer doce” (P1)

“cuidado com a limpeza, dieta, tenho cuidado para não cair ou bater” (P2)



Quanto às informações, os participantes gostariam de receber sobre a relação entre sua condição crônica e o processo de cicatrização de feridas.

“Passar informação da doença e como ela interfere na cicatrização” (P2)

“Realizar palestra no emprego pois foi assim que descobri a doença, mais informação das doenças” (P6)

4 DISCUSSÃO

Feridas crônicas estão geralmente relacionadas a outros problemas de saúde como diabetes, insuficiência venosa, doenças arteriais e condições de imobilidade. São lesões que ultrapassam o tempo habitual sendo a mais de seis semanas de cicatrização, além de impactarem diretamente na qualidade de vida dos indivíduos afetados. O estudo de Oliveira et al. (2019), evidenciou que fatores como dor, tempo de existência da ferida, presença de exsudato e odor afetam diretamente o bem-estar físico e emocional dos pacientes.

De maneira similar, a pesquisa de Zanoti (2021), apontou que o acompanhamento contínuo de pacientes com feridas crônicas na atenção primária, mesmo durante a pandemia, foi fundamental para promover orientações sobre higiene, alimentação e avaliação constante das lesões. Entretanto, foram identificadas falhas como a escassez de recursos e a falta de preparo das equipes de saúde em alguns contextos, o que prejudica o processo de cicatrização.

Outro ponto que merece atenção é a percepção dos próprios pacientes sobre sua saúde e seu papel no tratamento. O estudo de Bastos et al. (2021), identificou que muitos idosos com doenças crônicas têm dificuldades em administrar suas condições por conta própria, especialmente em relação ao uso correto de medicamentos, ao reconhecimento da importância de comportamentos saudáveis e de uma relação efetiva com os profissionais de saúde. Essas dificuldades refletem diretamente nos resultados das feridas e no processo terapêutico.

A qualidade de vida é um dos principais indicadores utilizados para avaliar os impactos das feridas crônicas. Pasquetti et al. (2021), mostraram que os usuários com doenças crônicas atendidos na atenção primária apresentaram baixos escores de qualidade de vida, especialmente no domínio físico. Isso reforça que a abordagem ao paciente crônico deve ser integral e individual.

Lucena et al. (2020), em sua revisão de escopo sobre feridas em cuidados paliativos, alertam para a importância de intervenções que vão além do cuidado físico, porém cuidados com o psicossocial e espiritual. Em situações onde a cura não é viável, o foco deve ser o alívio de sintomas e a promoção da dignidade, sem abrir mão de uma escuta qualificada e do acolhimento às necessidades subjetivas do paciente.

Essas evidências refletem que o processo de cicatrização vai além de apenas realização de curativo, envolve um todo do paciente, orientando sobre a maneira de cicatrização, o uso da medicação, a relação da



suas doença com o processo de cicatrização, mais sempre respeitando o paciente e tendo um olhar individual para cada caso que aparecer.

O envelhecimento populacional, resultado da transição demográfica, está diretamente relacionado ao aumento da prevalência de doenças e agravos crônicos não transmissíveis, caracterizando a chamada transição epidemiológica. Nesse cenário, destacam-se as doenças e lesões de pele, que afetam significativamente a qualidade de vida dos indivíduos idosos. O processo de envelhecimento cutâneo possui dois componentes principais: o intrínseco, relacionado à idade e fatores genéticos, e o extrínseco, decorrente da exposição a fatores ambientais, como radiação solar, agentes químicos e tabagismo (DUIM, et al., 2010).

Com base na pesquisa realizada no ambulatório de feridas, observou-se que os participantes apresentavam idades entre 54 e 74 anos. Essa faixa etária, associada à presença de condições crônicas como diabetes mellitus e hipertensão arterial, exige maior atenção por parte dos profissionais de saúde, especialmente no que se refere aos agravos que podem comprometer o processo de cicatrização.

As feridas crônicas, nesse contexto, podem ser compreendidas como uma consequência direta desses fatores, refletindo a vulnerabilidade clínica dessa população. Estudos como os de Pasquetti et al. (2021) e Almeida et al. (2024), reforçam essa associação, ao demonstrarem que o envelhecimento, quando somado ao controle inadequado de doenças crônicas, está fortemente relacionado à piora na qualidade de vida e à lentidão nos processos de cicatrização.

Refere-se à distribuição dos gêneros dos pacientes entrevistados, destacando-se o sexo masculino, que corresponde a 66,7% dos participantes. Esses dados podem estar relacionados a uma maior exposição a acidentes, além da menor procura por atenção à saúde, o que pode resultar em tratamento tardio e menor adesão ao uso de medicamentos para doenças crônicas não transmissíveis (SIQUEIRA, et al., 2018).

Nas Tabelas 4 e 5 são apresentadas as respostas referentes aos tipos de doenças crônicas que os participantes possuem e ao tempo desde o diagnóstico dessas condições. Observou-se que cinco participantes relataram ter diabetes mellitus, cinco apresentaram hipertensão arterial e quatro não conseguiram identificar qual doença crônica não transmissível (DCNT) possuíam, sendo que desses que responderam alguns possuíam ambas as doenças.

Além disso, o estudo mostra que os diagnósticos foram realizados de forma tardia, o que resultou em um início atrasado do tratamento, incluindo o uso de medicamentos e alterações na dieta. Essa demora compromete diretamente a qualidade de vida desses indivíduos, evidenciando a importância do diagnóstico precoce e do acompanhamento adequado das DCNT o que conseqüentemente afeta na cicatrização dessas lesões (FIGUEIREDO, et al., 2021).

Sobre a questão relacionada à informação recebida sobre o impacto da condição crônica na cicatrização de feridas, observou-se que 88,90% dos participantes relataram possuir esse conhecimento. No entanto, a maioria afirmou que essa orientação foi adquirida apenas após o encaminhamento e



acompanhamento no ambulatório especializado em feridas. Esse dado evidencia uma lacuna importante na atenção primária, tanto em relação à oferta de informações quanto na qualificação do cuidado com as lesões. Essa fragilidade no nível primário pode comprometer o tratamento inicial e atrasar o processo de cicatrização (RIBEIRO, 2019)

De acordo com a literatura, o cuidado com feridas crônicas exige uma abordagem multidisciplinar e contínua, sendo essencial que a atenção básica esteja preparada para prestar os primeiros atendimentos e realizar os devidos encaminhamentos de forma ágil (ALMEIDA, et al.,2024).

Dentre os fatores que interferem no processo de cicatrização das lesões crônicas, 50% perceberam a doença crônica Diabetes Mellitus como mais relevante, especialmente em relação à circulação sanguínea. Embora 88,90% dos entrevistados tenham demonstrado ter algum conhecimento sobre a relação da doença crônica no organismo, outros 11,1% apresentaram respostas vagas. Essas respostas revelam que, mesmo com percepções empíricas, ainda existe falta de informação sobre a fisiopatologia das doenças crônicas à cicatrização.

Outro aspecto relevante foi a citação frequente de práticas populares e caseiras, como o uso de babosa, banha e chás. Essa realidade evidencia a necessidade de os serviços de saúde reconhecerem o contexto cultural dos pacientes, oferecendo orientações claras e seguras, sem desqualificar suas crenças, mas promovendo o cuidado baseado em evidências (PALAMIN.2018).

Sobre os desafios enfrentados no cuidado com feridas, os participantes do estudo relataram, em seu cotidiano, seguir dieta alimentar, realização de curativo e limitações físicas. Esses relatos reforçam que o cuidado com lesões crônicas vai além do aspecto clínico, exigindo suporte emocional, social e educacional (JUNIOR, et al.,2023).

Por fim, ao serem questionados sobre quais informações gostariam de receber, os participantes demonstraram interesse por esclarecimentos mais detalhados sobre alimentação, medicação, higiene das feridas e orientações práticas para o autocuidado, além de sugerirem estratégias educativas em ambientes como o trabalho. Essa demanda pela educação em saúde confirma ser uma ferramenta essencial e ainda pouco explorada na atenção básica, sendo fundamental para a autonomia das pessoas no manejo da sua condição crônica e no enfrentamento das feridas de difícil cicatrização (RODRIGUES. .2016).

5 CONCLUSÃO

O presente estudo evidenciou que a percepção das pessoas com doenças crônicas sobre a cicatrização de lesão está associada a diversos fatores, como aspectos fisiopatológicos, sociais, emocionais e culturais. Verificou-se que, embora muitos reconheçam a influência de condições como diabetes mellitus e hipertensão arterial no processo de cicatrização, persistem lacunas importantes no conhecimento sobre suas doenças e nos cuidados necessários.



A frequência de práticas populares nos relatos dos participantes destaca a relevância de integrar saberes tradicionais ao cuidado profissional, por meio de uma abordagem sensível, respeitosa e baseada em evidências. Além disso, os desafios enfrentados no cotidiano — como adesão à dieta, realização de curativos e limitações físicas — evidenciam a necessidade de suporte contínuo, educação em saúde e ações interdisciplinares que fortaleçam o autocuidado e a adesão terapêutica.

O cuidado paliativo deve ser inserido a essa população que possuem tanto doença crônica quanto ferida crônica, sendo que o cuidado paliativo é uma abordagem que tem como objetivo melhorar a qualidade de vida do paciente e sua família frente à doença ameaçadora da vida através de prevenção e alívio do sofrimento. Os cuidados paliativos não são exclusivamente para paciente que estejam na terminalidade da vida mais para todos que tenham um agravo à saúde que não tenha cura (DA LUZ, *et al.*, 2013).

Um ponto de fragilidade do estudo foi o número reduzido de participantes, devido à coleta de dados ter sido realizada apenas no ambulatório de feridas, sem incluir pacientes das unidades básicas de saúde. Além disso, durante a revisão bibliográfica, houve dificuldade em encontrar artigos diretamente relacionados a um tema tão relevante, o que limitou o aprofundamento teórico da pesquisa.

Conclui-se que o enfrentamento das feridas crônicas em indivíduos com doenças crônicas demanda uma assistência integral, que considere não apenas o aspecto clínico, mas também as dimensões subjetivas e contextuais dos pacientes, fortalecendo a atenção primária e a qualificação das equipes de saúde.

Por fim, recomenda-se o desenvolvimento de futuras pesquisas com indivíduos fora do ambiente especializado em feridas, considerando que, nesta investigação, observou-se que os pacientes acompanhados pelo ambulatório apresentavam maior conhecimento sobre sua condição crônica, o que reforça a importância do acesso a serviços especializados e à educação em saúde.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lorena Carvalho et al. Fatores associados à prevalência de cicatrização de feridas crônicas em uma unidade de saúde da família. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental*. 2024 ;16:e13054. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/13054>

BASTOS, Celeste; SANTOS, Célia; MARTINS, Maria Manuela; FERNANDES, Carla; LIMA, Lígia. Necessidades dos idosos na autogestão da doença crônica: perspectivando um programa de intervenção de enfermagem. *Cogitare Enfermagem*, [S. l.], v. 26, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/83048>

RODRIGUES, Angélica da Silva. Educação em saúde no contexto da atenção básica: percepções de enfermeiros. 2016. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/174312>

DA LUZ, N. S. C.; MACHADO, P. R.; ROSA, A. I. O. Cuidados paliativos: o que o enfermeiro sabe sobre o assunto? *Revista Enfermagem*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 1–11, 2013. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/516>.

DUIM, Etienne; CARDOSO, Felipe Henrique, et al. Características epidemiológicas e clínicas dos pacientes atendidos em ambulatório de feridas crônicas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 55, p. e03626, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/zPMvKxRTH6dtkQ5Zsyy79sv/>.

FARIAS, José Rodrigues; MARCHISOTTI, Gustavo Guimarães; MAGGESSI, Karolina Muniz Freire; MIRANDA, Hamilton Lopes. Método de pesquisa misto para identificação do problema de pesquisa. *Conhecimento & Diversidade*, Niterói, v. 10, n. 22, p. 88–102, set./dez. 2018. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/5155

FERREIRA, Thainá Santos et al. Cuidados paliativos em feridas: qualidade de vida como indicador. *Revista Enfermagem*, v. 9, n. 1, p. 1–13, 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2428/701>

FIGUEIREDO, A. E. B.; CECCON, R. F.; FIGUEIREDO, J. H. C. Doenças crônicas não transmissíveis e suas implicações na vida de idosos dependentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 1, p. 77–88, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/n4nH53DFx39SRCC3FkHDyzy/?lang=pt>

FIGUEIREDO, A. E. B.; CECCON, R. F.; FIGUEIREDO, J. H. C. Impacto das doenças crônicas nos idosos: implicações funcionais e sociais. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 1, p. 77–88, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/MbYrkZzLpRCmSyFrfrPVHqc/>

LUCENA, Pablo Leonid Carneiro et al. Evidências científicas sobre intervenções para pessoas com feridas em cuidados paliativos: revisão de escopo. Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Especialização em Cuidados Paliativos, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal da Paraíba, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17448?locale=pt_BR

MARQUES, S. R. L.; LEMOS, S. M. A.. LETRAMENTO EM SAÚDE E FATORES ASSOCIADOS EM ADULTOS USUÁRIOS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 16, n. 2, p. 535–559, maio 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/tes/a/FDsyPny6mSdsCGcJG9jLLqm/>.



MINEIRO, Márcia; A. ALVES DA SILVA, Mara; GRACIA FERREIRA, Lúcia. PESQUISA QUALITATIVA E QUANTITATIVA: imbricação de múltiplos e complexos fatores das abordagens investigativas. *Momento - Diálogos em Educação*, [S. l.], v. 31, n. 03, p. 201–218, 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/14538>.

OLIVEIRA, Aline Costa et al. Qualidade de vida de pessoas com feridas crônicas. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 32, n. 2, p. 194–201, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ape/a/5rXWbmmz3qbNgTJKzwGtK9N/>

OMS – Organização Mundial da Saúde. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. 2015. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>

PASQUETTI, Pâmela Naíse et al. Qualidade de vida de usuários com doenças crônicas não transmissíveis assistidos na atenção primária à saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 74, n. 1, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cenf/a/gYnKbng89qtSH7Xy6nkNSft/>

PALAMIN Thalita Fernanda Nishihara O uso de práticas populares no cuidado de feridas: conhecimentos e condutas dos usuários e profissionais de saúde. 2018. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Botucatu, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/8d200e15-23b1-441d-9169-72ba669969a5/content>.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. *Revista Eletrônica Diálogos Acadêmicos*, v. 8, n. 1, p. 72–87, 2015. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf

RIBEIRO, D. F. da S. Gestão do cuidado a usuários com feridas crônicas na Atenção Básica. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, v. 90, n. 28, 2019. Disponível em <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/503>

SIQUEIRA, Flávia Alves Aguiar; SANTOS, Sheila Milena Pessoa dos. Saúde do homem: fatores que influenciam a busca por serviços de saúde. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, v. 12, e240179, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/240179>

SILVA, D. F. da et al. Doenças crônicas não transmissíveis considerando determinantes sociodemográficos em coorte de idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 25, n. 5, p. e210204, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/JHbf5DqRjR4zJW8kHtvkYmS/?lang=pt>

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 62, n. 1, p. 102–107, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>

ZANOTI, Márcia Diana Umebayashi. Acompanhamento de pacientes com feridas crônicas em uma unidade básica de saúde do interior paulista. *Cuidando da Enfermagem*, v. 15, n. 2, p. 196–204, 2021. Disponível em: <https://www.webfipa.net/facfipa/ner/sumarios/cuidarte/2021v2/p.196-204.pdf>